

Um luso-tropicalismo às avessas: colonialismo científico, aclimação e pureza racial em Germano Correia¹

Cristiana Bastos

Nos primeiros capítulos da *História da Colonização Portuguesa na Índia*², Germano Correia promete inovar. Os cronistas e historiadores do oriente português que o antecediam pouco mais teriam feito "se não biografar vice-reis, governadores-gerais, por mais medíocres que hajam sido"³, e relatar proezas guerreiras, preocupados apenas com a "descrição pura, simples e subserviente de guerras, batalhas, intrigas, crimes"⁴. Correia, um erudito e médico goês de quem a *História da Colonização* constitui a obra magna, propõe-se reparar as lacunas de uma historiografia colonial que

teve em mira pôr somense em relevo o sexo masculino representado no proscénio pelo reino ou português ibérico somente, relegando a um plano menos que subalterno a mulher, quer a portuguesa metropolitana ou também a sua filha luso-descendente, ou portuguesa Indiana.⁵

¹ Esse artigo insere-se no projeto de investigação "Medicina Tropical e Administração Colonial: Um Estudo de Caso a partir da Escola Médica de Goa", com base no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e o apoio do Programa Lusitânia/Instituto Camões/Fundação para a Ciência e Tecnologia. Agradeço a Mónica Sauerdrab e a Ricardo Roque a assistência na investigação, e a Helena Grego o apoio bibliotecário da Sociedade de Geografia de Lisboa.

² Germano Correia, *História da Colonização Portuguesa na Índia*. Lisboa, Agência Geral das Colónias/Agência Geral do Ultramar, 1948-1958.

³ *Ibid.*, p. 106.

⁴ *Ibid.*, p. 106.

⁵ *Ibid.*, pp. 51-52.

Fosse pela influência de alguns "cronistas ecclésiásticos imbuídos de pre-conceitos anti-femininos"⁸ ou pela obsessão de narrar uma história militar centrada nos feitos masculinos, a mulher teria sido "apagada" da epopeia da expansão. Era agora tempo de resgatar e reconhecer o seu papel fundamental na história dos portugueses na Índia. Germano Correia propõe-se fazê-lo⁹.

Correia, um feminista *avant le lettre*? Correia, um discípulo da *Newell Hisuire*, um intérprete alternativo do passado, preocupado com a densidade etnográfica, a vida do povo, os actores invisíveis, os laços sociais que a narrativa heróica não contempla? Correia, um iluminado cosmopolita, um subversivo nos anos quarenta?

Um exame da *História da Colonização...*, bem como das obras menores que lhe preparam o caminho, leva-nos a uma interpretação, assaz diferente. Os elementos de inovação propostos por Germano Correia integram-se num movimento mais amplo de, louvando a colonização portuguesa e enaltecendo a contribuição deste povo para a civilização mundial, fazer passar um feixe de mensagens sobre a identidade de determinadas populações produzidas pelo império e a posição estrutural que nele ocupavam. Essas mensagens aparecem com clareza na conferência que profere na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1922, instituída *O Passado e o Futuro da Colonização Portuguesa*, e estão sintetizadas num conjunto de artigos publicados em 1945-46 no Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Goa¹⁰.

Se o objectivo explícito de Germano Correia era o de contribuir para a glorificação dos portugueses, parece-nos serem os propósitos implícitos – porém reconhecidos pelo próprio – que motivam o seu ambicioso empreendimento e que dão significado ao conjunto da sua obra. Argumentarei neste ensaio que estes passariam por (1) a afirmação identitária do autor enquanto

⁸ Ibid., p.61.

⁹ O autor diz-se inspirado em Gilberto Freyre na sua busca do papel da mulher luso-descendente: "Tanto quanto Gilberto Freyre e outros cronistas insignes do Brasil contemporâneo estão a realizar, reconstituindo o passado, ou melhor, a dignificante história da mulher portuguesa e luso-descendente americana, é o que me proponho realizar, em menor proporção, no que respeita às portuguesas e às luso-descendentes nascidas no oriente" (*História da Colonização...* Vol I, p.70). Esta colagem de Correia a Freyre é porém tardia e as semelhanças entre os dois são superficiais, como se irá discutir mais adiante neste ensaio. Para uma análise do equívoco, veja-se também o artigo de John Manuel Monteiro, "Ragas de Gigantes", in C. Bastos, M. V. Almeida e B. Feldman-Bianco, (orgs.), *Tribunais Coloniais: Diálogo Crítico Luso-Brasileiro...* Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais, 2002, pp. 227-249.

¹⁰ "Os Luso-descendentes da Índia", *Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Goa*, Série II, Ano IV, 1945-46, pp. 60-71, 177-185, 235-243, 283-289.

membro de um grupo social, a que por vezes chama etnia, e que refere como os *luso-descendentes na Índia*; (2) o esforço pela visibilidade e reconhecimento social e político deste grupo, caído no esquecimento e no desinteresse das autoridades portuguesas; e (3) a legitimação dos seus argumentos através do recurso às *teorias racialistas* que estiveram em voga na Europa nas primeiras décadas do século XX, e que buscavam na antropologia física e antropometria uma base científica para o racismo⁹.

À luz destes princípios estruturantes, a reparação historiográfica do papel da mulher portuguesa na Índia empreendido por Germano Correia tem um outro significado: a de as mostrar como as esposas e mães necessárias para a garantia da pureza de raça e genealogia dos luso-descendentes:

(...) as primeiras europeias que, logo na fase inicial da nossa grande jornada ultramarina, se dispuseram a expatriar-se em massa, em frágis e pequenas caravelas, afrontando oceanos procelosos e perigosos (...) contribuiram para a formação de famílias e agregados demográficos de etnia portuguesa e (...) para a morigerização dos costumes dos que se batiam sem descanso.¹⁰

Os demais volumes da *História da Colonização* são o exaustivo enumerar de todas as donzelas e casadas que vieram do reino para a Índia, dos nobres feitos que executaram, dos maridos guerreiros que desposaram, dos filhos e netos que criaram, e ainda das instituições que promoveram as suas deslocações, nomeadamente as *Orfés do Reino*. Acoplado ao texto está a constante demonstração da nobreza genealógica dos luso-descendentes na Índia, que o autor insiste em apontar como um dos principais feitos da história portuguesa no oriente e o sinal da superioridade deste povo para a colonização dos trópicos.

A formação da família étnica luso-descendente na Índia foi o acontecimento demográfico mais importante, no vasto movimento dos portugueses para o oriente. Representou, sob o ponto de vista histórico e antropológico, uma experiência sem par nos anais da História Colonial.¹¹

⁹ Num raro momento Germano Correia declara que "não fui, não sou, nem espero ser racista, castista ou sectarista", manifestações de pensamento que dia desconhecer e nem concordaria à sua "ideologia científica" (*História da Colonização*..., Vol I, p. 77). As citações que incluímos mais adiante corroboram com tal auto-imagem.

¹⁰ Germano Correia, *História da Colonização*..., Vol. I, p. 67.

¹¹ Germano Correia, "Os Luso-descendentes da Índia", *Relâmpago*..., p. 60.

Tratar-se-ia de uma experiência ímpar de europeus bem sucedidos na adaptação aos trópicos¹², ainda por cima sem misturas raciais. Sem misturas, note-se: para Germano Correia, os luso-descendentes teriam progenitura com *pedigree* garantidamente português, os homens da carreira das armas na Índia, e as mulheres trazidas do reino para garantir a continuidade da raça.

A tese da pureza racial tinha que se haver com as ideias instaladas no senso comum, supostamente fundamentadas na história, que viam nos descendentes de Goa mais uma classe de mestiços originados nos casamentos mistos promovidos por Afonso de Albuquerque durante os primeiros anos de presença portuguesa na Índia. Segundo Germano Correia,

O desconhecimento da nossa história oriental, ainda por fazer nos seus aspectos demográfico, antropológico e genealógico, tem levado muita gente culta a laborar no êrro histórico, de que a colonização portuguesa da Índia foi tida de carácter antropo-mísico, isto é, realizada por meio de cruzamentos entre portugueses de humilde condição e indianas indesejáveis de baixas castas ou camadas sociais (...) Nada menos verdadeiro que este conceito histórico.¹³

"Erro histórico"¹⁴, "lenda difamatória"¹⁵, "calúnia"¹⁶, como se encarrega de acrescentar, que "o próprio inclito Afonso de Albuquerque" teria mandado desfazer ordenando ao seu ouvidor do crime uma devassa aos costumes dos seus homens. Com base no observado, Albuquerque teria informado o rei de nunca ter tido devação de casar os seus homens – muitas vezes "homens de bem" – com as mulheres malabares, porque "negras e corruptas no viver por seus costumes".¹⁷

¹² No artigo "Portugueses da Índia: Germano Correia e a antropologia dos luso-descendentes" (Porto, VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2000), Ricardo Roque interpreta o pensamento de Correia como uma apologia da super-adaptabilidade dos portugueses aos trópicos, baseada na lógica da boa *performance* antropológica dos luso-descendentes – que teriam desenvolvido uma melhor adaptação aos trópicos que os seus próprios antepassados, contrariando as ideias feitas sobre a degeneração dos europeus em tais lugares. Creemos, todavia, que esta ideia se dissolve no conjunto da obra de Germano Correia, subjugando-se o tema da boa adaptação dos luso-descendentes aos trópicos a um argumento que era mais caro ao autor: o da importância deste grupo no império, injuntamente alvo de preconceito e menosprezo. Para uma exegese comparativa da obra de Germano Correia, ver também John Monteiro, *ap.cit.*

¹³ Germano Correia, *Bolivian...* p. 64.

¹⁴ *Ibid.*, p. 64.

¹⁵ *Ibid.*, p. 65.

¹⁶ *Ibid.*, p. 64.

¹⁷ *Ibid.*, pp. 64-65; *Os Barbares da Índia Portuguesa*. Bastardi, Imprensa Rangel, p. 19.

Ao invés, promovia os contactos com as "mouras alvas e castas."¹⁸ Igualmente "alvas e castas" seriam "as mulheres Bramanes e as filhas destas". De tais dados comenta Correia que "não se pode falar mais claro"¹⁹, o que para ele equivale a afirmar que

Os Portugueses eram todos homens de bem e alguns deles cavaleiros e fidalgos, bem como médicos, funcionários da justiça, farmacêuticos, etc., e as Indianas, mouras ou hindus, todas mulheres alvas e castas.²⁰

Rapa, portanto, e também clare, eram as categorias que para Germano Correia importava resgatar na identidade dos luso-descendentes, reinventando a sua gênese com base nos dados a que dedica toda uma vida de investigação e energia especulativa. Se o mito de origem dos luso-descendentes na Índia remetia para casamentos mistos, os factos científicos compilados pelo autor supostamente mostravam que, pelo contrário, progenitores e descendentes eram todos "brancos", de origem europeia, e, como aponta em certos momentos, de raça ariana. Se o mito de origem apontava para uma progenitura de baixos estratos sociais – vis marinheiros, mulheres hindus de baixa casta – Correia demonstrava que, de um lado e do outro, se tratava de "gente de bem", quer pela profissão, quer pela nobreza da posição social, quer, à falta de mais argumento, pela branura da pele. É que, avança o autor, sendo as mouras maioritariamente turcas e iranianas, portanto brancas, e sendo as indianas brancas e castas, partilhavam a raça dos povos ibéricos. Estava desfeita a lenda difamadora da baixa qualidade das uniões promovidas por Albuquerque e a "injusta classificação" relativa à "natureza étnica dos filhos oriundos desses consórcios", pois... "pertencendo os progenitores à raça branca, como é que os filhos podem ser considerados mestiços?"²¹

Mas o autor vai mais longe. Para que não restassem dúvidas da pureza de raça do grupo, esforça-se por demonstrar que os luso-descendentes contemporâneos não são na verdade descendentes daquelas uniões, mas de uma completa renovação demográfica posterior, em que os casamentos se dariam exclusivamente entre portugueses reconhecidos como tal, nascidos no reino ou na Índia. Para tornar possível essa renovação demográfica fora fundamen-

¹⁸ Germano Correia, *Bolivian...*, p. 65; *Les Baratinis...*, p. 19.

¹⁹ Germano Correia, *Bolivian...*, p. 65.

²⁰ *Ibid.*, p. 65.

²¹ *Ibid.*, p. 65.

tal fazer deslocar todo um contingente de mulheres ao longo dos séculos. Na já citada conferência de 1922, refere-se a Albuquerque como um "genial precursor da ciencia da colonização"¹² para explicar que o movimento inicial de criar "uma nova raça nascida do cruzamento dos conquistadores com as alvas mouras cativas"¹³ não fora senão um primeiro passo para lançar as bases do império luso-oriental, "cujos alicerces seriam sustentados por núcleos mestiços, substituídos paulatinamente por outros de pura raça já aclimada pela sua adaptação secular aos clímas de entretrópicos"¹⁴. Ou seja, o núcleo demográfico original teria declinado e dado lugar a uma completa renovação do stock racial, passando os casamentos dos portugueses e seus descendentes – qual casa hindu? – a processar-se unicamente dentro do grupo.

Um racialista, portanto, alguém cujas teses de racismo científico bem podiam ter sido elaboradas na recém-defunta Alemanha nazi? Correia, um arianista nos trópicos? Alguém que, esquecido na remota "província" da Índia no Portugal salazarista dos anos quarenta, e por conseguinte longe dos ventos democratizantes do pós-guerra, se permitia publicar aquilo que a derrota do nazismo e a publicização dos seus efeitos genocidas tornara indefensível?

Justa ou injustamente, poderá ser esta interpretação a base de um apagamento sumário do autor e sua obra da memória colectiva da cultura portuguesa associada ao colonialismo, que veio a criar outros mitos e narrativas acerca de si mesmo. Tal apagamento pode também ser um efeito da posição estrutural do autor no sistema colonial – posição à partida periférica, de voz menos audível, mesmo que os seus conteúdos fossem de enaltecimento. Averiguaremos¹⁵. Por ora, tomemos atenção à retórica da *raça* e do *sangue*, ou *genealogia*, que para Correia são fulcrais na definição identitária e que movem os seus trabalhos sobre os luso-descendentes.

¹² Germano Correia, "O Passado e o futuro da colonização portuguesa", Conferência Proferida na Sociedade de Geografia de Lisboa, 1922.

¹³ Germano Correia, "O Passado...". Estas teses serão desenvolvidas em muito maior detalhe na *História da Colonização...* , publicada um quarto de século mais tarde.

¹⁴ Germano Correia, "O Passado...".

¹⁵ Em "Antropologias Subalternas: topologia da antropologia colonial portuguesa (ca. 1911-1950)", Germano Correia e o Instituto de Antropologia do Porto", in D. R. Cunha, (org.), *Sociologias da Leitura em Portugal no séc. XX*, Lisboa, Culiberkian, no prelo (2002). Ricardo Roque expõe uma hipótese que passa pela centralização imposta a partir da Escola do Porto na definição da norma de pesquisa. Questionando os limites de uma análise da difusão do conhecimento científico que se limite ao binómio centro-periferia, o autor usa este caso para levantar questões actuais – e por resolver – da antropologia e sociologia da ciéncia.

Menos que aprofundar o potencial subversivo ou paranoíaco do autor, parecemos importante interpretá-lo como alguém que exacerbou certas fantasias imperiais da época, retratando o inigualável destino expansionista de um povo – ou uma raça, como se tornou corrente pensar e escrever. Alguém que, por conseguinte, ocupa a posição de incômodo e inconveniente fantasma na memória da cultura colonial portuguesa, entretanto repensada e reescrita. Os temas e dissertações científicas de Correia recordam um lado entretanto recalado da ideologia colonial, trazendo entretanto o fio dos actores e disciplinas científicas que a suportaram. Mas esses temas reverberam até hoje, mesmo que se apresentem pelo seu avesso, nos mitos da democracia racial e da suposta abertura dos portugueses para o convívio social, sexual e familiar com os povos das colónias na sua diversidade, base de um hibridismo celebrado nas temáticas do luso-tropicalismo¹⁶, e que se vieram a consolidar nos anos cinquenta e seguintes – servindo de fundo ideológico para justificar a continuação da administração portuguesa nas colónias quando a orientação internacional era a de descolonizar e encorajar a constituição de novas nações africanas e asiáticas.

É nessa medida que podemos resgá-lo hoje como autor-fantasma que escreve a partir de determinados lugares do império, lugares que são físicos e remetem para regiões específicas, mas são também lugares políticos, estruturais e emocionais. Lugares de descentramento e marginalidade, periferias da teia colonial que, pela precisa posição que ocupam, nos permitem uma visão complementar à das grandes narrativas do império, que em pontos realçam os grandes temas, noueros os minimizam, e nouros ainda reorganizam os elementos que compõem a ideologia colonial. Os temas tratados nos sinuosos percursos de Germano Correia, obcecado com a raça e a pureza do sangue, tocando em todos os pontos sensíveis da suposta vocação imperial/tropical dos portugueses, convivem ainda com a pandemia de fantasias colectivas que poveiam o nosso imaginário.

¹⁶ A bibliografia sobre o luso-tropicalismo é imensa; para trabalhos recentes examinando o impacto da obra de Gilberto Freyre em Portugal, veja-se Laurent, "Idéologues Coloniales et Identités Nationales dans les Mondes Lusophones", Paris, Karthala, 1997; Cláudia Carvalho, *Um Mundo Português de Entrar no Mundo...*, Porto, Almedina, 1998; Crisíssima Bastos, "Tristes Trópicos e Alegres Luso-Tropicalismos", *Análise Social* XXXIII (2-3), 1998, pp. 415-432; Yves Leonard, "O Império Colonial Salazarista", in P. Bethencourt e K. Chaudhuri (dir.), *História do Império Português*, Vol V, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999; Miguel Vale de Almeida, *Um Mar de Cetáceos*, Oeiras, Celta, 2001.

Germano Correia e os luso-descendentes

Quem é Germano Correia, e quem são aqueles de quem vem a tornar-se paladino, os luso-descendentes? Nascido em 1888 em Goa, Alberto Carlos Germano da Silva Correia segue, como tantos outros entre as élites suas contemporâneas, a dupla carreira das armas e da medicina. Forma-se em 1909 pela Escola Médica de Goa e em 1911¹⁷ completa as suas credenciais na Escola Médica do Porto, com uma tese sobre as estações sanitárias nos trópicos¹⁸. Note-se que a habilitação facultada pela Escola de Goa não permitia o pleno e universal exercício da medicina; os seus facultativos podiam exercer nas colônias portuguesas apenas sob determinadas condições, e não podiam ascender às chefias locais dos serviços de saúde coloniais; tão pouco podiam praticar actos médicos em Portugal; finalmente, era-lhes vedado ensinar na própria Escola Médica de Goa, onde se tinham formado¹⁹.

Prolongar os estudos em Portugal era o privilégio que viria a diferenciar alguns dos facultativos goeses, como aconteceu com Germano Correia, que além do curso de Medicina do Porto fez Medicina Tropical em Lisboa (1912). Nesse mesmo ano é nomeado tenente-médico do Quadro de Saúde da Índia Portuguesa e lente da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa²⁰. Segue a carreira de médico militar com sucessivas promoções a capitão (1914), major (1922), tenente-coronel (1927) e coronel-médico (1937)²¹. Em 1946 é nomeado director da Escola Médica de Goa²², onde vinha a ensinar, nos

¹⁷ Algumas notas biográficas, como a de Artur Oliveira Silva na *Brevi Contribuição da Escola de Medicina Portuguesa para o Estudo das Cítrias do Ultramar* (Porto, Fac. Medicina, 1964), apontam para o ano de 1912 como sendo o término dos estudos médicos de Germano Correia no Porto, informação que se repete em várias fontes. A *Grande Encyclopédia Portuguesa e Brasileira*, porém, dá uma data mais precisa: 29-II-1911 (Vol. 28, p. 856).

¹⁸ Germano Correia, *As "Health Cities" nas altitudes intertropicais*, Nova Goa, 1914.

¹⁹ Para um resumo mais completo do assunto, ver Bastos, "Um Centro Sabatiniense? A Escola Médica de Goa e o Império", in Bastos, Almeida e Feldman-Bianco, op. cit., pp. 133-149; "Doctors for the Empire: The Medical School of Goa and its Narratives", *Identitäts* 8 (4), pp. 317-348, (Durham, NH, 2001); "The Inverted Mirror: dreams of imperial glory and tales of subalternity from the Medical School of Goa", Special issue, "Mirrors of Empire", *Etnografia* VI (2), 2002, pp. 59-76.

²⁰ Decreto de 5.VI.1912 ("Silva Correia", *Grande Encyclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 28, p. 856).

²¹ "Silva Correia", *Grande Encyclopédia*...

²² Portaria Ministerial de 15.VII.1946. "Silva Correia", *Grande Encyclopédia*...

últimos anos, a história da medicina na Índia²¹. Exerceu ainda as funções de subdirector dos serviços de saúde do Estado da Índia²².

Foi autor de inúmeros livros, opúsculos, conferências, participações em congressos internacionais. Estes incluiram os de Medicina Tropical, em Luanda, em 1923, e no Cairo em 1928; o 2.º e 3.º Congressos Coloniais Nacionais, na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1924 e 1930; o 1º Congresso Nacional de Antropologia Colonial, no Porto, em 1934; a reunião do *International Council for Anthropological and Ethnological Sciences*, em Londres, 1934, e o congresso internacional para a profilaxia antivenérea e repressão do tráfico de mulheres e crianças no Extremo Oriente, em Bandung, Java, 1937²³. Nestas conferências apresentou memórias e comunicações científicas posteriormente publicadas; a viagem ao congresso do Cairo motivou também a publicação de opúsculos de impressões de viajante²⁴.

Esteve ligado à Sociedade de Geografia de Lisboa desde 1919, primeiro na categoria de sócio correspondente, chegando a exercer as funções de vogal da secção de antropologia entre 1957 e 1959²⁵. É aí que profere, em 1922, a inflamada conferência "O Passado e o Futuro da Colonização Portuguesa", publicada em folha única de grande formato pela SGL, onde esboça as principais linhas do que virão a ser as suas teorias sobre uma colonização com base científica. Foi também sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1935, do Instituto International de Antropologia de Paris desde 1922, membro efectivo da comissão permanente do Conselho International das Ciências Etnológicas e Antropológicas, de Londres, desde 1934, e do Indian Sciences de Londres, desde 1935²⁶. Aposentado das actividades

²¹ Possivelmente é Germano Correia um dos principais propagadores do mito de a Escola Médica de Goa ser "a mais antiga da Ásia" (que expliquei noutros trabalhos, como "Um Centro Subalterno...", "Doctor for the Empire...", e "The Inverted Mirror..."), uma vez que o afirma por escrito nas publicações – e certamente o dogmatizava nas suas aulas, a ponto de ser repetido por todos os antigos alunos da Escola.

²² No Congresso Colonial Nacional de 1930 Germano Correia é apresentado como subdirector dos serviços de saúde e Professor efectivo da Escola Médica de Nova Goa.

²³ Esses dados provêm da entrada "Silva Correia", da *Grande Encyclopédia*... do obituário de Germano Correia no *Diário de Notícias*, Janeiro, 1967, e das referências nas publicações do autor, frequentemente elaborações de comunicações e memórias apresentadas nesses congressos.

²⁴ *Impressões Médicas da Egipto e da Palestina*, Nova Goa, 1929; *O Egipto das Fazendas*, Nova Goa, 1929; *Aspetos da Terra Santa*, Nova Goa, 1929.

²⁵ Esses dados provêm dos registos de sócios da Sociedade de Geografia de Lisboa.

²⁶ Esses dados combinam informações da entrada "Silva Correia", da *Grande Encyclopédia*... do obituário de Germano Correia no *Diário de Notícias*, em Janeiro de 1967, e das referências nas publicações do autor.

médicas e militares, Germano Correia virá a passar os seus últimos dias em Portugal, falecendo na sua casa da Rua Capitão Ramires, em Lisboa, em Janeiro de 1967.

A obra de Germano Correia dá conta de um vasto leque de temas que vão do biomagnetismo e psicoterapia, a que dedica um pequeno primeiro trabalho em 1910, à higiene e nosologia tropicais, parasitologia, antropologia física, filosofia colonial, antropologia aplicada à colonização dos trópicos, climatologia, aclimação, etnologia, exploração de recursos, história da medicina – e mais que tudo, um longo, persistente e crescente esforço para a promoção e visibilidade do grupo dos luso-descendentes, a que por vezes designa de etnia, e que refere em termos de raça.

É desde cedo um apaixonado pela antropologia física e defende a criação de um laboratório da disciplina em Goa, argumentando que nada se sabia dos grupos raciais da Índia portuguesa e que urgia proceder a tais estudos⁴². Consegue obtê-lo quando Francisco Wolfango da Silva dirige a Escola de Goa⁴³. Tendo frequentado estudos de antropologia em Paris⁴⁴ e dominando a principal literatura da disciplina, bem como os meios de recolha de dados e o seu tratamento analítico, Germano Correia dedica-se a diversos estudos antropológicos sobre populações goetas⁴⁵ e, quando tem ocasião, como acon-

⁴² Um trabalho sobre os Ranes de Satari, nas Novas Conquistas de Goa, precedeu a obra de Correia: o estudo de Artur Fonseca Cardoso "O indígena de Satari: estudo antropológico", publicado em 1896 no Porto, e amplamente examinado por Ricardo Roque em *Antropologia e Império: Fonseca Cardoso e a Expedição à Índia em 1895* (Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais, 2001). Roque mostra que Germano Correia não dá grande importância ao trabalho de Fonseca Cardoso, visto como antiquado em métodos e objectivos.

⁴³ Artur de Oliveira Silva, *op. cit.*, p.63. Ver também, sobre Wolfango da Silva, o "Discursus – pronunciado [por Germano Correia] na Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa", na ocasião da jubilação do seu director, Dr. Francisco Wolfango da Silva, em 31-3-1927.

⁴⁴ Numa das suas obras sobre luso-descendentes, quando argüimenta sobre a importância da cor da pele como diferenciador das raças humanas, Germano Correia refere "o meu ilustre ex-professor Papillault de Paris" (Germano Correia, "Os Luso-Descendentes de Angola: Contribuição para o seu estudo Antropológico", *Memória relativa ao 3.º Congresso Colonial Nacional. Actas das Sessões e Textos*, Lisboa, Sociedade de Geografia/Tipografia Carranca, 1934, p.28).

⁴⁵ Estas populações incluem os luso-descendentes, que tenta promover, os autoctones malaus e outros grupos, como os dos muçulmanos e os que chama eurasianos. Entre as obras sobre luso-descendentes destacam-se: *Os Luso-Descendentes da Índia. Estudo antroposociológico, histórico-demográfico e adimutativo*, Nova Goa, 1922; *Os Luso-descendentes da Índia Portuguesa* (Estudo histórico-demográfico, antropométrico e adimutivo), Lisboa, 1925; "Os luso-descendentes de l'Inde Portugaise (étude anthropologique)", *Archives da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, série A, fasc. 3, 1928; *Les Luso-Descendentes de l'Inde Portugaise. Étude Anthropologique Morpho-*

rece nos anos de 1922 a 1924, estende o seu fervor mensurativo às populações angolanas¹³.

Móve-o principalmente o interesse em estudar, cientificamente, as populações de luso-descendentes, desenvolver as suas teses sobre a aclimação dos povos europeus aos trópicos, e fornecer as bases para uma colonização científica. Na sua óptica, urgia evitar os erros cometidos pelos franceses, cujos contingentes enviados para as Guianas tinham redundado em fracasso; não bastava enviar europeus para as zonas consideradas colonizáveis, como alguns propunham. Havia que conhecer científicamente colónia e colonos, de maneira a controlar as variáveis chave para uma boa aclimação.

Sempre que Germano Correia tem ocasião de se dirigir a um público qualificado tenta mover influências para que se intensifique o estudo antropológico das populações coloniais, sobretudo as que descendem de portugueses,

legis. *Anthropométrie, Ethnographie, Aclimatation*. Bassori, Jaime Rangil, 1928; "Les enfants et les adolescents luso-descendants de l'Inde portugaise - croissance, anthropométrie et morphologie médicale", *Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Gáa*, série A, fasc. 7, 1931; "Os Luso-Descendentes da Índia. Estudo Antro-Sociológico Histórico-Demográfico e Antropológico". Bassori. Tipografia Rangil, 1946 [1928]; "Os Luso-descendentes da Índia" *Bulletin Éthnologique da Arquidiocese de Gáa*, Serie II, ano IV, 1943-46, pp. 60-71, 177-185, 235-243, 283-289. Nos estudos sobre grupos não europeus de Gáa constam-se *Les Races de Sotary* (*Étude anthropométrique*). Mémoire présenté au Congrès International de Médecine Tropicale du Caire, 1929 , também publicado com o mesmo título nos *Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Gáa*, série A, fasc. 5, 1929; "Os Maratus na Índia Portuguesa", in *Trabalhos do Primeiro Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, vol. I, Porto, p. 271, 1934; *Les Malabars de L'Inde Portugaise*. Mémoire présenté au Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques de Londres en Juillet-Août 1934, Bassori, Tipografia Rangil, 1934; *The Marathas of Portuguese India*. Bangalore, 1935; *Les Mundas de l'Inde Portuguesa*, Bassori, Rangil, 1937; e, para os grupos mistos, *Les Barotris de L'Inde Portuguesa*, Bassori, Rangil, 1940.

¹³ Também aqui Germano Correia combina trabalhos de índole médica (*A higiene tripanosomal em Angola*, Luanda, 1923; *A lepra em Angola. Os prazeres privados de hospitalização dos indígenas e a sua assistência médica em Angola. A Doença de São Lourenço em Angola. A tuberculose e os sacerdotes de aldeias em Angola*, todos apresentados ao Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental e publicados em 1923-24) com trabalhos de índole geográfica para caracterização dos climas e suas implicações na colonização, e ainda trabalhos de antropologia física sobre populações locais, como os Ovambos (*Contribuição à Étude anthropologique des Ovambos Angolais*, 1933; *Os Ovambos Angolanos: estudo antropométrico e etnográfico*, 1923), sobre as populações mistas (*Os Eufáricos de Angola - estudo antropológico* Lisboa, 1925), e, finalmente, sobre a etnia que privilegia, e dos luso-descendentes, "Os Luso-descendentes de Angola: Contribuição para o seu estudo Antropológico," *Mémoire relatada ao 3.º Congresso Colonial Nacional. Actas das Sessões e Textos*. Lisboa, Sociedade de Geografia/Tipografia Carmona, 1934; "Colonização Portuguesa de Angola", *Mémoire relatada ao 3.º Congresso Colonial Nacional. Actas das Sessões e Textos*. Lisboa, Sociedade de Geografia/Tipografia Carmona, 1934.

com vista a disponibilizar mais dados para os propósitos de uma colonização científica. Aborda o assunto na conferência que profere na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1922, de novo no Congresso Internacional de Medicina Tropical, em Luanda, 1923, e ainda no 2.º Congresso Colonial Nacional, reunido em 1924, em Lisboa. Deste saiu uma recomendação ao governo com vista à "intensificação das investigações antropológicas nas regiões, onde existem descendentes de portugueses, fixados em zonas colonizáveis das nossas colónias"⁶⁴, acompanhados de estudos clíматo-sanitários, "para averiguação do aclimramento étnico da raça branca nos planaltos insertropicais"⁶⁵. Seis anos depois, no 3.º Congresso Colonial Nacional (Lisboa, 1930), Germano Correia nota que pouco fora legislado, e que urgia fazê-lo. Impunha-se pensar "no futuro da nossa raça"⁶⁶, e, para isso, pôr a ciência ao serviço da colonização, estudando devidamente os efeitos do clima no organismo e apurar o grau de aclimabilidade destes europeus a estas regiões tropicais. Reconhece na Alemanha e na Holanda exemplos de "nações que souberam imprimir à sua conduta colonial uma orientação segura, baseada em inqueritos e reconhecimentos científicos completos, feitos pelas numerosas e bem apetrechadas expedições e missões experimentais"⁶⁷ – coisa que os portugueses não faziam, pois "cuidamos que se pode colonizar, versejando ou fazendo prosa literária, para cantar as belezas duma região de entretropícios, cuja natureza clíматo-sanitário e aclimatativa se desconhece."⁶⁸ Para contrariar essas tendências que chama de empíricas e poéticas, Germano Correia propanha o estudo científico dos fenómenos relevantes para a colonização: a verificação antropológica do aclimramento colectivo dos agrupamentos humanos em tentativa de domiciliação e de adaptação étnica aos climas insertropicais considerados como aproveitáveis para a colonização europeia. Apontava que "só o exame morfológico e as mensurações antropométricas é que podem fornecer-nos

⁶⁴ Germano Correia, "Colonização Portuguesa de Angola" *Memória relatada ao 3.º Congresso Colonial Nacional*, Lisboa, 1930, p.1.

⁶⁵ *Ibid.*, p.1.

⁶⁶ *Ibid.*, p.2.

⁶⁷ *Ibid.*, p.3.

⁶⁸ A continuação deste comentário merece ser transcrita. Feito científica contra os bardos, Germano Correia ironiza que "Canta-se tudo em verso e até em prosa, com ou sem acompanhamento de guitarra. Canta-se a beleza da paisagem africana, sem se saber o que de bom ou de mau ela encerra sob essa aparente panorâmica; canta-se o vigor dos colonos, sem que o tenha mensurado e selecionado; em conclusão canta-se e pouco ou nada se ensuda pormenoristicamente (...) Nesta colónia [Angola], a única colónia lusa a valer, o seu povoamento, triste é dizer-lhe, tem sido feito algo empiricamente." *Ibid.*, p.3.

elementos seguros para a averiguacão científica desse fenômeno.¹⁰ No 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial, reunido no Porto, em 1934, sintetiza o contributo da disciplina para a colonização:

É a partir do decénio transacto do século actual que as investigações antropológicas, respeitantes à fixação dos graus aclimativos dos grupos raciais endógenos nos climas dos entre-trópicos e ao apuramento selectivo das aptidões individuais para as diversas profissões, comaram notável incremento em muitos países do mundo.¹¹

Reclamando ainda da falta de estudos antropológicos sobre populações autoctones e de portugueses nos trópicos, apontava que

Se desconhece por completo o grau de aclimramento realizado, bem como se ignoram os efeitos dessa aclimação nos descendentes de portugueses vivendo no Extremo Oriente e Oeste africano (...) Urge, pois, acabar, sem perda de tempo, com este estado de coisas que denuncia um ceno atraso no estudo científico das nossas colónias (...) É indispensável que se estudem, antropométricamente e sem maiores delongas, a morfologia, o estado físico, as modificações somáticas e dinâmicas que caracterizam os agrupamentos rácicos oriundos da metrópole, vivendo em algumas das nossas colónias.¹²

Só a Índia era excepção neste quadro de lacunas, já que o próprio autor se lhe tinha dedicado:

É esta orientação científica, que estou a seguir no estudo do pequeno agrupamento racial de origem portuguesa, que se acha domiciliado há mais de dois séculos, nesta porção da costa do Malabar, conhecida oficialmente, pela pomposa denominação do Estado da Índia Portuguesa.¹³

¹⁰ Germano Correia, "Colonização Portuguesa...", p. 5.

¹¹ Germano Correia, "A necessidade do estudo antropológico das populações coloniais", *Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, Ed. da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, vol. I., p. 160. Com um título idêntico, e vários parágrafos quase iguais, Correia apresentava uma memória ao 3.º Congresso Colonial Nacional, na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1930, juntamente com duas outras memórias sobre a colonização portuguesa de Angola e a condição antropométrica dos luso-descendentes naquela província.

¹² Germano Correia, "A necessidade do estudo antropológico das populações coloniais...", p. 163.

¹³ Germano Correia, "Colonização Portuguesa de Angola", p. 8.

E deixa deslizar mais uma confissão em que os dados coincidem com o desejo. Na última etapa dos estudos antropológicos entre luso-descendentes, comparando o crescimento e morfologia infantil e adolescente entre os portugueses nascidos na Europa e os descendentes nascidos nas Colónias, sobressai que não diferiam muito: "a prova final e conclusiva do estudo comparativo entre os tipos raciais luso-europeu e luso-descendente."¹³

Iguais: nascidos nas colónias ou na Europa, luso-descendentes ou luso-europeus, serão provados iguais pelos instrumentos da ciência, refutando marginalizações políticas com base no preconceito. Tal parecia ser o motivo que cimentava a paixão aneropiológica de Germano Correia. Ele mesmo um reconhecido luso-descendente¹⁴, faz-se valer da sua pertença ao grupo para tornar possível o primeiro grande estudo antropométrico nesta população¹⁵, que incidiu sobre cem pessoas – todas do sexo masculino. Note-se que as mensurações a que almejava requeriam um grau de proximidade física e um temporário desconforto, por parte do sujeito mensurado, que transgrediam as regras de conduta apropriadas para aquela classe. Era habitual medir, sem licença e consentimento, as populações subjugadas¹⁶; menos habitual era medir os pares, aqui tornado possível pela condição de *innihil* de Germano Correia. Tal condição não lhe permitiu, porém, fazer mensurações entre mulheres – para o que, reclama, teria de ter tido o auxílio de uma colega médica e antropóloga do sexo feminino. Isto porque, narra, as mulheres luso-descendentes eram todas de categoria social elevada; fossem de classe mais baixa, depreende-se, pode-

¹³ *Ibid.*, p. 8.

¹⁴ Não apenas o próprio o transmite sempre que tem ocasião, como esse ponto ocupa um lugar de destaque na sua entrada da *Grande Encyclopédia Portugueza e Brasileira*, que assim concega: "Counsel-médico, diretor e professor catedrático da Escola Médica de Goa, conferencista, publicista e académico, n. em Nova Goa, a 22.VIII.1888. É luso-descendente, oriundo de portugueses metropolitanos." (*Grande Encyclopédia...*, vol. 28, p. 836-7) Esta entrada terá sido redigida em vida de Germano Correia, entre a publicação do V e VI volumes da sua *História da Colonização*, ou seja, entre 1952 e 1958.

¹⁵ Germano Correia, *O «Luso-descendente» da Índia Portuguesa (Estudo Histórico-Demográfico, antropométrico e clínico)*, Lisboa, 1929; "Les luso-descendans de l'Inde Portugaise (Etude anthropologique)", *Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, série A, fasc. 3, 1928; *Les Luso-Descendants de l'Inde Portugaise. Etude Anthropologique Morphologique, Anthroponométrique, Ethnographie, Acculturation*. Bassot: Jaime Rangil, 1928; "Les enfants et les adolescents luso-descendans de l'Inde portugaise – croissance, anthropométrie et morphologie médicale", *Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, série A, fasc. 7, 1931; *O Luso-Descendente da Índia. Estudo Antro-po-Sociológico Histórico-Demográfico e Clínico*. Bassot, Tipografia Rangil, 1946 [1920].

¹⁶ Para uma discussão mais aprofundada das relações entre a antropologia física e o exercício da autoridade colonial, veja-se Ricardo Roque, *Antropologia e Império...*

riam ter sido medidas sem consentimento. Lembremos que, ao tempo, a saga dos "caçadores de micróbios" celebrada por Paul de Kruif⁷⁹ está plena de episódios em que os sujeitos de experiências de novos medicamentos ou vacinas são recrutados entre as classes de criados e outras camadas subalternas, cujas vidas eram postas à disposição dos cientistas. No caso de Correia, que apenas efectuava medições, estavam em causa graus de contacto corporal e desnudamento inaceitáveis para os padrões de consentimento vigentes entre as elites.

Entre os luso-descendentes de Angola também não consegue aplicar os compassos antropométricos às mulheres, e o universo de estudo resume-se a 23 sujeitos, todos homens, e de 3.^a geração⁸⁰. O estudo não permite chegar a conclusões sobre "o grau de aclimramento da etnia lusitana lá fixada"⁸¹ mas permite caracterizar o seu tipo rácico para fins comparativos com outros luso-descendentes, no Brasil e na Índia. Procura obter indicadores tal como recomendados pelos Congressos de Antropologia de 1906, no Mónaco, o de 1912, em Genebra, e o de 1921, em Liège⁸², socorrendo-se de craveiras verticais, balança, compassos de corredeira, toracômetro, pelvímetro, fitas métricas, escalas erométricas, goniômetro, e dinamômetro⁸³, que afina e aplica pelo seu próprio punho⁸⁴. Mas quando apresenta a memória resultante desta investigação ao Congresso Colonial Nacional de 1930, Germano Correia, sempre actualizado na literatura da disciplina, faz notar que os seus dados, colhidos sete anos antes, não podem infelizmente ser apresentados à luz das discussões mais recentes na antropologia física, onde entretanto se tinha dado a "consagração científica da doutrina antropomorfológica contemporânea".⁸⁵ Opta por apresentar os mesmos indicadores que usara para caracterizar os luso-descendentes na Índia: grau de nutrição e robustez, temperamento, dinamometria, cor da pele, dos olhos, do cabelo, estatura, índices cruciais, esquêlicos, céfálicos, horizontais, vertico-longo, vertico-transverso, fronto-parietal, fronto-zigomático, crânio-facial, gócio-zigomático, nasal, otólico, fisionómico, de robustez, de aranzadi, etc.

⁷⁹ Paul de Kruif, *Microbe Hunter*. Nova Iorque, Blue Ribbon Books, 1926.

⁸⁰ Germano Correia, "Os Luso-Descendentes de Angola: Contribuição para o seu Estudo Antropológico". *Memória do 3.º Congresso Colonial Nacional. Actas dos Sessões e Teses*. Lisboa, Sociedade de Geografia/Tipografia Cervantes, 1934, pp. 2, 24.

⁸¹ Germano Correia, "Os Luso-Descendentes de Angola...", p. 2.

⁸² *Ibid.*, p. 23.

⁸³ *Ibid.*, pp. 23-24.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 24.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 25.

Numa vertigem de quadros numéricos contendo os indicadores em voga para medir e diferenciar o que se considerava fundamental para as caracterizações raciais, e para dar respeitabilidade científica às opiniões e doutrinas sobre os efeitos da colonização e da vida nos trópicos, conclui confirmado o que ouvimos tinham já avançado por observação grosseira, sem mensurações de dinamómetros e compassos: que a robustez dos colonos não só não tinha definido, como tinha até progredido. Desses observações empíristas cita o relatório do antigo governador do Huila, Moura Brás, para os anos de 1912 a 1918, em que se aponta a "melhoria nas qualidades de robustez da raça"⁷⁴.

Ansecede as memórias sobre Angola de uma longa preleção sobre as vantagens da colonização branca da província, que teria sido um projecto aforado desde 1778, aquando da governança de Francisco de Sousa Coutinho, que "pretendia colonizar as terras altas angolanas, por meio de casais brancos de boa gente e sabedores dos principais ofícios manuais"⁷⁵. Só a partir de 1844 se teria porém dado a fixação dos primeiros núcleos de portugueses na região, engrossados nos anos seguintes com "imigrantes pernambucanos e marítimos ilheus e algarvios"⁷⁶. Quase duas décadas depois iniciou-se a colonização com base na transportação penal, cujos resultados, aponta Correia, teriam sido pouco satisfatórios: "O malôgro de quasi todas as colónias presidiárias lançou, durante muito tempo, um completo descredito sobre as regiões colonizáveis daquela nossa possessão africana"⁷⁷.

Ainda nas memórias sobre os luso-descendentes de Angola, na secção de demografia, faz notar um ponto que revela a complexidade e ambiguidade dos seus pensamentos e emoções relativamente ao lugar dos grupos de élite coloniais no império: reclama do facto de as estatísticas não lhe permitirem diferenciar entre os brancos luso-descendentes e os demais brancos em Angola.

É para lamentar que no último recenseamento se não tenha feito a discriminação entre os brancos da Europa e os brancos nascidos na colónia. Eis uma das indesculpáveis lacunas dos nossos Serviços de Colonização.⁷⁸

⁷⁴ *Ibid.*, p. 55.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 3; "Colonização Portuguesa de Angola", p.12.

⁷⁶ Germano Correia, "Os Luso-Descendentes de Angola...", pp. 3-4; "Colonização...", pp. 12-13.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 4; *Ibid.*, p. 13.

⁷⁸ Germano Correia, "Os Luso-Descendentes de Angola...", p. 4.

Se o lamento se referia aparentemente à perda de informação para fins científicos, como os estudos demográficos e de aclimação, motivava-o uma indignação experimentada por si mesmo enquanto luso-descendente de uma outra colónia; não se consegue de acrescentar, inflamado:

E para mais, por agora esses luso-descendentes angolanos são honrosamente incluídos no grupo dos brancos em geral, empareirando-se assim com os metropolitanos. Mas, para o futuro, dia virá, em que as estatísticas lhes darão baixa de ponto, fazendo-os passar à categoria de indígenas, como aconteceu com os luso-descendentes da Índia, que estiveram demograficamente integrados no agrupamento da raça branca até 1877, passando em seguida a serem classificados, segundo o critério geográfico, como asiáticos ou indígenas da Índia. (...) Seja para evitar futuros enrocalhos, como sucede com os descendentes de europeus nascidos nestas colónias [Goa], ou quer (...) como fim de irmos preparando desde já os informes estatísticos (...) é absolutamente imprescindível que nos censos ulteriores da população angolana da raça branca, se faça a separação entre europeus e os respetivos descendentes.²²

Separar, separar, distinguir conceptualmente, para não arriscar que a categoria dos *luso-descendentes* seja devorada pela de *indígenas*. Nada de misturas, parece dizer o nosso autor, como que sonhando com um *apartheid* generalizado e assente em hierarquias que lhe dariam, sem dúvida, um lugar cimeiro.

A ambiguidade do hibridismo

A este ponto parece-nos legítimo propor que a ênfase dada por Germano Correia à pureza racial entre os descendentes revela a intensidade emocional – mas também a magnitude política – do debate em que está envolvido. Contra que ideologias estabelecidas em senso comum ergue Correia a sua prosa historiográfica e a sua infiável lista de “mensurações científicas”? Ele próprio o deixa revelar inúmeras vezes, quando invoca as ideias feitas que estigmatizam os sujeitos das colónias: vivia-se então o horror do hibridismo²³.

²² Ibid., p. 5.

²³ Ia-se ao reino animal buscar exemplos de como também entre os humanos o cruzamento de raças era algo de nefasto. A própria designação de “mulatos” seria inspirada no híbrido estéril das espécies equina e asinina.

horror que era exacerbado com os ventos de eugenio racialista que emanavam da Alemanha e que muitas vezes se apoiavam no cientifismo legitimado pela antropologia física. Pesava sobre os mestiços um estigma que se prendia ao carácter transgressor da sexualidade que lhes dera origem – o eufemístico “peccado original” que recorrentemente aparece na literatura de ficção e ensaio da época. O hibridismo seria simultaneamente factor e sintoma de degeneração; em todo o mundo se apontavam os mestiços como doentes, indolentes, inúteis, preguiçosos, de mau carácter.

Mendes Corrêa, contemporâneo de Germano, e grande impulsor da antropologia física em Portugal a partir da Universidade do Porto, abria a comunicação “Os Mestiços nas Colónias Portuguesas”, feita ao 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial no Porto (1934)⁷¹, com uma referência à insustentável condição dos mulatos das colónias. Citando passagens do romance *Ana A Kalunga*, de Hipólito Raposo, aponta o mestiço como “um ser imprevisível no plano do mundo, uma experiência infeliz dos portugueses”⁷². Para abordar tão “transcendente problema” – para o qual recomenda prudência – Mendes Corrêa tomou a iniciativa de proceder, a partir do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, a um inquérito geral junto dos portugueses e a algumas mensurações junto dos representantes das colónias vindos para a grande exposição de 1934 na sua cidade. Nota-se que os mensurados, que atingiram um total de algumas centenas⁷³ se limitaram, no caso dos mestiços, a dezanove cabo-verdianos e seis macaenses⁷⁴. Dos inquéritos, distribuídos às centenas pelo próprio ou pela Agência Geral das Colónias, só vieram 36 respostas, algumas delas inconclusivas⁷⁵. Mas apesar da escassez

⁷¹ Mendes Corrêa, “Os mestiços nas colónias portuguesas”, *Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, Edições da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, vol I, pp.331-349.

⁷² Mendes Corrêa, op. cit., p. 331. Vale a pena citar um trecho mais largo da tal apresentação, a que Mendes Corrêa dá horas de abertura e foros de retrato realista da condição dos filhos de mãe africana e pai europeu: “Iles enegram a mãe que excederam e evitam confessar um pai que não chegaram a igualar... Lembrança viva e velozosa do que homem foi, desejo do eterno impossível, o mulato é usada de si mesmo e a ilusão sempre morta de que nunca há-de ser. Em olho oculto na pele de azulina, está sentindo o contraste das naturezas na luta do seu sangue, como o desejoso do hermafrodita vai gritando ao confuso dos dois sexos. O mestiço é assim um só imperviado no plano do mundo, uma experiência infeliz dos portugueses... nessa confluência do sangue as duas raças interpretam-se, sem se confundir, engatizado-se e repelindo-se uma à outra com permanente hostilidade”.

⁷³ Ver Roque, “Antropologia Subalternas...”.

⁷⁴ Mendes Corrêa, “Os mestiços nas colónias portuguesas”.

⁷⁵ Ibid., p. 334.

de dados o autor adianta que a tendência dos portugueses inquiridos é para temer a "amulcação"⁷⁶, havendo alguns que apoiam a mestiçagem, quer por razões humanitárias relativamente aos mestiços já existentes, quer por razões utilitárias, prevendo que os mestiços poderiam alcançar lugares demasiado inhóspitos para os europeus. Conclui o antropólogo portuense que

a grande maioria dos votos é contrária, no ponto de vista dos altos interesses da nação e da humanidade, a que se favoreça o mestiçamento, e, do mesmo modo, a grande maioria atribui simultaneamente a causas biológicas e sociais, mas porventura mais a estas do que às primeiras, as diferenças psicológicas e morais dos mestiços em relação às raças de que resultam; ... os crioulos e mulatos são pouco prolíficos, muito sugestionáveis, dotados dum acentuado domínio das emoções, imprudentes ou pouco previdentes, pouco tenazes, bastante inteligentes, muito educáveis...⁷⁷

Ao mesmo tempo que avança com estas conclusões, Mendes Corrêa incita à prudência. Estivemos nos anos 1930 e o consenso dos cientistas sobre a mestiçagem e a eugenia era instável⁷⁸. Vigoravam as ideologias que se opunham à mestiçagem, mas muitos antropólogos físicos criticavam a "evidência" do seu carácter degenerativo, fazendo salientar que muitas vezes a dita degeneração era causada por factores sociais ou ainda por uma hereditariiedade à partida deficiente nos progenitores.

A mesma prudência é adoptada por Germano Correia nesse congresso, em que apresenta um trabalho sobre os "Eurafricanos de Angola". Contra um fundo de uma "pretendida degenerescência infalível de todos os mestiços, só pelo facto de o serem, à laia de um pecado original"⁷⁹, Germano Correia cita diversos autores que exploraram a hipótese de a degeneração ser na verdade doença ou diagnóstico: Roquette Pinto e João Baptista de Lacerda, do Brasil, Earl Finch, dos Estados Unidos, e Henri Neuville, Holbe, Kromer, Bahringer, Papillaire, Léon de Mac-Auliffe, e finalmente Quatrefages, de França. Em todos evidência para o raciocínio que nos adianta:

⁷⁶ Ibid., p. 336.

⁷⁷ Ibid., p. 347.

⁷⁸ Para uma discussão dos efeitos da eugenia veja-se, por exemplo, Nancy Stepan, "The hour of reckoning? Race, gender and Nation in Latin America. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

⁷⁹ Germano Correia, Os eurafricanos de Angola. Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial, Ponto, vol I, 1934, p. 314.

Não é pela facilidade étnica, derivada exclusivamente da amfimixia, que se produzem as tares ou os defeitos morais ou intelectuais nos mestiços. Não são maus, nem pouco inteligentes, às vezes, só pelo facto de serem entre nascidos de cruzamentos entre seres pertencentes a raças diferentes. (...) Não. O seu modo de ser, bom ou mau, deriva em grande parte da sua ancestralidade, da sua educação e da sua ilustração.¹⁰

Prudência para "um fenómeno biológico extremamente complexo"¹¹, e do qual se deve deixar de discutir "se é um bem ou um mal"¹², e, em vez disso, "encará-lo sob prismas plurifacetados"¹³.

Uma questão plena de estígmas, acrescentamos hoje, revendo a situação do autor e o fervor que o motivava. É que para Germano Correia os estígmas do hibridismo e mestiçagem não eram apenas uma questão teórica a abordar com base em mensurações. Eram também um problema de que ela fazia parte, que o compunham e definiam na sua ambígua posição de élite colonial. Ele é médico, professor, lente, tenente-coronel, membro da Sociedade Vasco da Gama em Panjim – durante anos monopolizada por luso-descendentes –, da Academia das Ciências, da Sociedade de Geografia de Lisboa e de outras associações científicas de prestígio; ele escreve, ensina medicina, participa em congressos internacionais, faz ciência, pertence à élite cosmopolita dos cientistas, ou assim crê. Mas simultaneamente é, do ponto de vista do poder que lhe regulamenta a vida, e que define quem ele é no império, apenas alguém que vem das colónias, um indígena da Índia, sendo irrelevante a genealogia, real ou fictícia, que o faz autodefinir-se como um europeu. Alguém que, como ele próprio diz, fora desclassificado de branco para indígena ou asiático pela lei de 1877 – lei que lançara para um poço de desmerecimento aqueles que se julgavam uma élite ímpar no império. Narra com amargura, no término de um dos ensaios sobre luso-descendentes de Angola, e num tom apaixonado que contrasta com o rigor metálico das suas mensurações, uma confissão sobre as desventuras dos luso-descendentes de Goa após a instauração de tal lei:

Quando um mancbo Luso-descendente, natural desta colónia se alista voluntariamente, mesmo que seja da raça branca e tenha estudos licetais, sendo

¹⁰ Germano Correia, *O eurasiático* p. 324.

¹¹ *Ibid.* p. 324.

¹² *Ibid.* p. 300.

¹³ *Ibid.* p. 300.

praça de prel, ganha como qualquer indígena boçal, analfabeto e inassimilado (...) nem se tendo em consideração a raça a que pertence os Lusodescendentes da Índia, nem a sua educação, nem a sua instrução, nem a sua proveniência étnica e familiar. Nada, absolutamente nada. Ganham como qualquer maroto pé descalço, analfabeto, comendo arroz e bebendo canja.⁴⁴

Fica por esclarecer se o problema é o de não ter outro alimento senão o arroz e a canja, ou se esses alimentos eram de tal modo connotados com as classes e grupos étnicos de que se queria diferenciar que a sua menção supostamente causaria um desdém cúmplice na audiência. Mas fica claro que Correia experimenta as agruras de uma ex-elite, a cuja identidade era retirada a referência europeia, ficando em troca equiparado a qualquer outro sujeito colonial da mesma região; alguém que o experimenta com horror e que expressivamente o sabe transmitir, não através da prosa poética que afirma despresar, mas conservando sinuosos argumentos científicos e propostas para um modelo de colonização em que a segregação seria a filosofia de base; alguém sobre quem pesava o estigma da mestiçagem atribuída a todos os nascidos em Goa, sobre quem pesava o mito dos casamentos mistos de Albuquerque, alguém que encarnava a condição dos híbridos coloniais que o império usava com dupla medida, enaltecedo-los para fins ideológicos, e desprezando-os para fins práticos de cidadania, carreiras, reconhecimento.

Portugueses nos trópicos: da acclimação ao huetropicalismo

Enquanto Germano Correia desenvolvia as suas teorias extemporâneas de elite marginalizada de um império, do outro lado do mundo, em espaços marcados pelo mesmo império, alguém com uma posição estrutural com algo de semelhante desenvolve teorias radicalmente diferentes sobre a adaptação dos portugueses aos trópicos. Trata-se de Gilberto Freyre, filho das elites pernambucanas, doze anos mais jovem que Germano Correia, e cujo percurso cosmopolita não o levou ao exílio Porto-Lisboa nem à pós-graduação em Paris, onde se reproduzia a antropologia física de Broca e afinavam os instrumentos antropométricos de Topinard, mas aos Estados Unidos, onde veio a tomar contacto com a antropologia cultural de Franz Boas.

⁴⁴ Germano Correia, "Os Luso-descendentes de Angola...", p. 57.

Nascido na sociedade segregada e estratificada das plantações açucareiras da base escravocrata do nordeste brasileiro, Freyre conhecia de dentro – e do ponto de vista da élite local – a interacção entre brancos, negros, índios, e os muitos mestiços nascidos das interacções sexuais entre eles. Alfabetizado em inglês, converte-se nos anos da adolescência a uma religião evangélica com base nos Estados Unidos, e é em Waco, Texas, que vai procurar a sua formação universitária de base. É ali, também, que se depara com a segregação racial violenta do sul dos Estados Unidos, que a Freyre parece muito diferente da que conhece de casa; nos Estados Unidos vê racismo, enquanto no Brasil parece-lhe ver apenas *conservismo de raça*.

Continua os estudos para se doutorar em antropologia na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, onde conhece Boas e a antropologia cultural. Esta servirá de matriz para as suas investigações na sociedade nordestina brasileira, as quais redundam em importantes obras de referência: *Casa Grande & Senzala* (1933), sobre a sociedade rural-patriarcal e escravocrata da plantação açucareira, e *Sobrados e Mucambos* (1936), sobre a vida social contrastada das cidades que evoluíram do sistema de plantação. Nestas obras mostra-se Freyre um analista de talento, fazendo um novo estilo de história social e antropológica com ênfase no quotidiano e na teia social e económica em que assenta. Os seus elementos de interpretação da sociedade brasileira inspiraram várias gerações de cientistas sociais⁶⁵.

É também à estadia em Nova Iorque que remonta o episódio de "orgulho ferido" que alguns associam à sua motivação para demonstrar a "superioridade adaptativa" dos portugueses nos trópicos e a grandezza das culturas assim produzidas⁶⁶. Não gostou Freyre de ser tomado por indiano, quando da visita do poeta Tagore à Columbia, nem de ver o seu Brasil não ser reconhecido como uma proveniência digna, apenas um "mundinho sem importância"⁶⁷. Ele, um filho das élites, não era ali mais do que uma insignificância. Tal como

⁶⁵ Ver, por exemplo, Fernando Henrique Cardoso, "Três Livros que Inventaram o Brasil", *Nova Escola CEBRAP*, 27, 1993, pp. 21-35. Notar-se também que o impacto de *Casa Grande* no pensamento social brasileiro nunca deixou de ser reconhecido, apesar da ambiguidade sentida pelos intelectuais brasileiros relativamente a um Freyre que entra em síncope com o regime de Salazar a partir dos anos 50 e sobreviveu 60.

⁶⁶ Ver Luis Antônio Castro Santos, "O espírito da aldeia: orgulho ferido e vaidade na trajetória intelectual de Gilberto Freyre", *Nova Escola CEBRAP*, 27 (1990), pp. 43-66, e Crisiana Barreto, "Tristes Trópicos e Alegres Lusotropicalianos: das notas de viagem em Leão-Silva e Gilberto Freyre", *Análise Social*, XXXIII (146-147) (1998), pp. 415-432.

⁶⁷ Ver Castro Santos, "O Espírito da Aldeia...".

para Germano Correia, a elite de onde provinha Gilberto Freyre era provinciana e marginal aos grandes centros de poder.

Mas se Correia lutava por reconhecimento junto do poder colonial que o tutelava, reescrevendo a sua identidade com base nos conceitos racialistas que a antropologia física proporcionava e que a ideologia portuguesa aceitava e, até muito tarde na história, o regime defendia, Freyre permitir-se-á ir muito mais longe e reescrever o papel dos portugueses no quadro de um tema já adoptado pelas élites nascentes das novas nações sul-americanas – o mito das três raças.

Distante do fervilhar urbano das grandes metrópoles brasileiras que eram o Rio de Janeiro e São Paulo, Gilberto Freyre irá divergir da grande revolução ideológica que nesta última cidade tomou corpo com a *Semana de Arte Moderna*, em 1922. Enquanto esta se propunha reinventar a identidade brasileira resgatando as culturas indígenas, reais ou ficcionadas²⁴, e se sintetizava o princípio da cultura brasileira como a *antropofagia* – o cadiño devorador de todas as influências culturais, no qual se cozinhava o futuro – já Freyre regressa à geometria das “três raças” (*europeus*, africanos, *índios*) e ao passado histórico para nos propor um novo conceito: o enaltecimento da mestiçagem, tendo por quadro de referência o sistema tradicional da plantação açucareira. Aqui viviam senhores e escravos, brancos e negros, aqui conviviam e aqui, também, se praticava domesticamente a mestiçagem que teria sido como resultado a composição racial do Brasil contemporâneo.

Note-se que o enaltecimento da mestiçagem na cultura brasileira contrasta radicalmente com as propostas até então dominantes na política e na ciência daquele país, em que se associava mestiços a degeneração, e no “branqueamento” viam o seu possível resgate²⁵. Os efeitos do racismo científico no Brasil tinham tido uma variação local, a de que seria possível diluir os efeitos deletérios da mistura de raças através da promoção de casamentos dos mestiços com brancos – para o que se promovia e estimulava a imigração de povos *europeus*²⁶.

²⁴ Uma das mais marcantes produções desse movimento cultural é o livro *Macunaíma – a herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, que faz recurso a uma diversidade de mitos indígenas para compor personagem e narrativa. Macunaíma, o anti-herói preguiçoso e em constante mutação, serviu de auto-ensino a várias gerações de brasileiros.

²⁵ Para uma discussão recente, veja-se Marcus Chor Maio e Ricardo Vennura Santos (orgs.) *Raga. Cíteria e Sociedade*. Rio de Janeiro, Editora Ficruz – Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

²⁶ Ver também Marina Comba, *A ilusão da liberdade: a Escrava Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. São Francisco, Beira-Mar Paulista, 1998.

²⁷ Ver, por exemplo, Geralda Seyfert, “Construindo a Nação: Hierarquia Racial e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização”, in Chor Maio e Vennura Santos (orgs.) op. cit.

Aquilo de que Germano Correia, na Índia Portuguesa, pretendia a todo o custo escapar – a categoria de mestiço – era assumido por Gilberto Freyre no Brasil como um devir colectivo e saudável. Mais: Freyre permite-se olhar para o passado e escrevê-lo em tons de optimismo, atribuindo esse devir colectivo mestiço à vocação tropical dos portugueses, à sua excepcional virilidade e uma atração inata pelas mulheres de cor. O português teria semeado a sua presença pelo mundo não apenas nos monumentos e entrepostos comerciais que criou, mas fazendo gente de uma nova raça, híbridos de toda a sorte – não já os frutos do pecado original condenados a sofrer a marginalidade, antes o alegre resultado de uma *hubris* fecundante e criativa, destinado a criar uma nova civilização.

Assim disserta Freyre ao longo da sua longa obra, requintando sempre que pode o louvor aos portugueses. Em 1951-52 é convidado por um ministro de Salazar²¹ para fazer um pérriplo do império e estudar com o seu espírito científico, de sociólogo-antropólogo, o estado da presença portuguesa nos diversos pontos do mundo. Aumentava a pressão sobre o regime português para aliviar a tutela colonial em África e na Ásia; havia que procurar novos argumentos ideológicos para o prolongamento dessa tutela. Sem se deixar contratar para propagandista do regime de Salazar, Freyre vê nas diferentes colónias em que é recebido elementos que lhe servem para ampliar a reflexão, aqui e ali hesitando sobre o carácter benéfico da miscigenação²², mas no geral aprovando e louvando os efeitos hibridizantes da presença portuguesa no mundo. Como que prolongando a sua procura inicial de definição de uma identidade brasileira por oposição à norte-americana, que teria como chave a propensão lusa

²¹ Note-se que Salazar não conhecia Freyre até então, sendo o seu ministro Sarmento Rodrigues quem o convida a passar a viagem do “último brasileiro” – que não se efectuou sem um prévio inquérito de ministério a ministério sobre as possíveis tendências subversivas do mesmo... (ver Castro, *O Mundo Português...*; e Bastos, “Tristes Testemunhos...”). Da viagem resultaram imediatamente: *Um Brasileiro em Terras Portuguesas: Introdução a um possível hibridopatologia...* (Lisboa, Livro do Brasil, 1953) e *Aventura e Rotina: Segundo de uma Viagem à Procura das Costumes Portuguesas de Cabo Verde e África*. (Rio de Janeiro, José Olympio, 1953).

²² Gilberto Freyre sentia muito pouco apego por Cabo Verde e pela sua sociedade, onde via efeitos “exogâmicos” e disgramados da miscigenação portuguesa. O seu entusiasmo de Freyre pela cultura caboverdeana constituiu uma enorme deceção para os intelectuais caboverdeanos, que tinham visto neste autor alguém que conseguisse – ao enaltecer a miscigenação brasileira – chegar também ao ímago da sociedade caboverdeana. É tanto mais curioso que Freyre tenha denunciado Cabo-Verde quanto sabemos como se entusiasmou com Goa (cuja miscigenação era reduzida e não assumida), onde se sentiu em casa. Para uma exploração dessa contradição, ver Bastos, “O Espelho de Goa: Paradoxos do Pantrópicallum Lusitano de Gilberto Freyre”, *Racif*, 1999.

para o contacto com outros povos e a mistura das raças, Freyre colhe muitos exemplos para fazer crescer o argumento, mostrando que o colonialismo português seria mais doce, mais brando, mais interactivo que a sua contrapartida britânica. É em Goa, onde exulta por tudo achar tão semelhante ao Brasil, numa conferência proferida no elítista Instituto Vasco da Gama, que sintetiza os seus achados sob o conceito de *luso-tropicalismo*. De regresso a Portugal, completando o périplo em que consolida estas ideias, Gilberto Freyre pensa ver entre os pesquisadores locais – de Almerindo Lessa a Orlando Ribeiro e Henrique de Barros – toda uma potencial escola de luso-tropicologia.

Concluindo: fantasiar e fantasiar da raça lusa...

Mesmo que se detectem antecedentes para o luso-tropicalismo freyriano em autores portugueses que o antecedem no tempo²³, é a formulação de Freyre que vem a ganhar maior utilidade para um regime que cada vez mais estava isolado da cena internacional. Uma vez depurada das componentes mais subversivas – já que Gilberto Freyre nunca trocou a sua genuína e espontânea irreverência sociológica por uma colagem oficial ao regime de Salazar – a retórica do luso-tropicalismo tornou-se ideologia oficial em Portugal²⁴.

A partir dos anos cinquenta, e em parte para justificar o prolongamento da ocupação colonial em África, consolida-se a ideia de uma contribuição ímpar de Portugal para a civilização mundial, cuja originalidade assentaria na sua vocação colonial benigna, pacífica e plena de intimidades entre colonizadores e colonizados. Onde os ingleses, franceses, espanhóis e outros europeus teriam sido violentos e exploradores, os portugueses teriam sido docilmente interactivos, civilizadores, amigos, amantes. A miscigenação seria uma das faces de tais factos, e um dos seus efeitos político-culturais seria a "nação multirracial e pluricontinental", com a contrapartida política de "plural e indivisível" – eufe-

²³ Ver, por exemplo, Miguel Vale de Almeida, *Um Mar da Cor da Terra*, e João Leal, *Etnografia Portuguesa (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa, Dom Quixote, 2000.

²⁴ Enquanto as obras de Freyre dos anos cinquenta sessenta eram utilizadas como fonte de autoridade para o regime colonial português por teóricos da situação como Adriano Moreira, sendo mesmo algumas distribuídas como apresentação da cultura portuguesa e sua propaganda, (e.g. *O luso e o trópico: aspectos em torno das mitologias portuguesas de integração de povos africanos e de culturas diferentes da europeia num complexo novo de civilização, o luso-tropical*. Lisboa, Comemorações Henriqueinas, 1961), as obras dos anos trinta, livres ainda da misto laudatória e recentes na influência da antropologia cultural, continuaram a ser vistos como potencialmente subversivas.

mismos do regime salazarista para o império tardio. E não existia ainda o vocabulário do multiculturalismo, senão bem podia ter sido igualmente apropriado pelo regime. A antropologia cultural era incipiente entre nós, e a antropologia física demasiadamente marcada pelo racialismo. A história, essa, foi um veículo de excelência para afirmações identitárias, exacerbando-se o período da expansão europeia enquanto "descobertas" e sublinhando o contributo único dos portugueses no que se definia como "dar novos mundos ao mundo"²². Re-faz-se o passado em retrospectiva. O mito dos casamentos mistos promovidos por Afonso de Albuquerque na Índia torna-se referência de manuais escolares, sinal de distinção e marca da originalidade dos portugueses. Multiplicam-se as representações de uma nação e povo que se constituem na pluralidade, desenvolvem-se as estratégias de persuasão e consolidação ideológica.

Pouco importa que os factos desminternam quase tudo e que o império tardio dos portugueses em África, dilatado por mais outra década em guerras coloniais, se tenha tecido em práticas de discriminação racial e pressupostos ideológicos semelhantes aos que animavam os escritos de Germano Correia. Estes não são reclamados, como não são reclamados os fundamentos de uma ideologia que se tornou clandestina e subterrânea, mas não se extinguiu, com o desenvolvimento do luso-tropicalismo. Deixaram os argumentos racialistas de ter importância estratégica e, finalmente, tornaram-se inconvenientes e incômodos, de tão associados que estavam a sentimentos, percepções e práticas que já não eram oficialmente sancionados. Quem os exprimisse não obtinha reconhecimento, e assim aconteceu a Germano Correia – desde logo periférico e perdido no esforço de ser reconhecido pelo poder, desactualizado no cronograma de conveniência e actualidade dos argumentos.

Passam estas ideias a um estado de latência subterrânea, animando aqui e ali sentimentos que não têm contrapartida retórica, mas coexistem e moldam, na contracorrente da ideologia oficial, as memórias e fantasias do império; aparecem nas expressões racistas, degradantes e alienadas com que eram referidos os povos africanos no contexto da colonização tardia e das campanhas militares; irrompem na violência dos espancamentos de africanos

²² Esse refrão ecoa ainda, intacoo, por examinar, a ponto de em celebrações internacionais ser invocado como motivo de orgulho dos portugueses – e desconforto, quizá ofensa, para aqueles cujo mundo não tem por referência o centro a Europa. Visite-se em Newport, Rhode Island, o pedestal que celebra a edificação luso-americana, erguido já nos anos 1980, e repetindo a temática, alheia ao eurocentrismo subjacente (e por demais realçado no contexto político e cultural norte-americano) na expressão "dar novos mundos ao mundo".

nas noites de Lisboa ou nas esquadras da polícia, na expulsão de ciganos dos bairros e comunidades, na xenofobia que se anseia crescer.

Hoje, na sequência da integração europeia e como efeito dos grandes fluxos globais de mão-de-obra expatriada e em trânsito do terceiro mundo para a Europa, Portugal é cada vez mais um palco de imigrantes de que só um fragmento vem das ex-colónias. Vemo-nos agora, finalmente, a braços com a verdadeira condição cosmopolita – não ficcionada, mitificada ou embelezada. Dela fazem parte as situações de convívio e confronto entre indivíduos e grupos de diferentes proveniências culturais, acentuadas com evocações racistas, eufemizadas no senso comum e comunicação social pela terminologia da etnicidade. E de repente, depois do império, e sem nada a ver com ele, temos finalmente um laboratório para confrontar as fantasias imperiais e pós-imperiais que nos legaram.